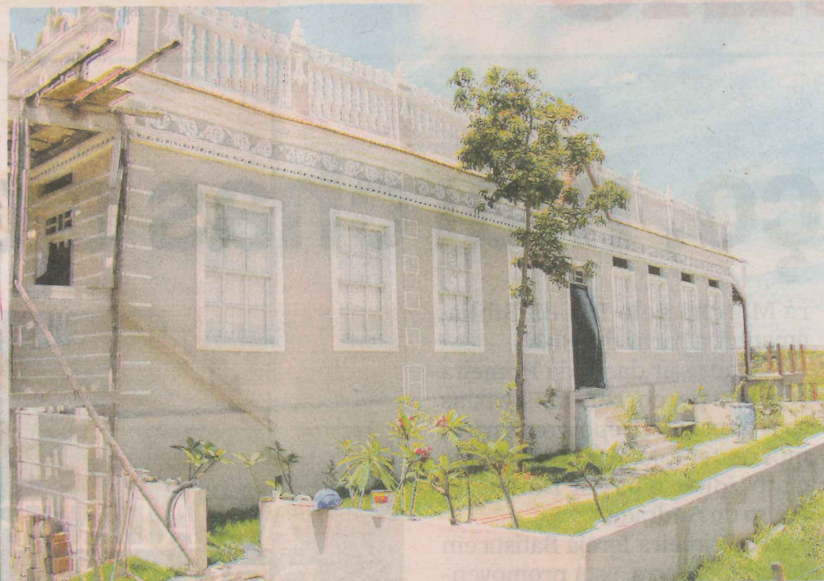


Regional

FALE COM O EDITOR JOEL SOPRAN

ALESSANDRO DE PAULA - 15/02/2008

ALESSANDRO DE PAULA



CASARÃO DO SÉCULO 19, tombado pelo patrimônio histórico, estava em ruínas. Reforma custou R\$ 1,1 milhão e local será aberto para visitação

Palácio novinho em folha

Restaurado, o Palácio das Águias será inaugurado no dia 20, abrigando exposições, biblioteca pública e saraus em Marataízes

Alessandro de Paula
MARATAÍZES

O centenário Palácio das Águias, em Marataízes, Sul do Estado, que sofreu com quase uma década de abandono, foi completamente restaurado e agora vai abrigar a Biblioteca Municipal, com espaço para exposi-

ções e saraus.

Construído no século 19 e tombado em 1998 pelo Conselho Estadual de Cultura, o belo casarão será inaugurado no dia 20.

Para comemorar a data, os Correios lançarão um selo personalizado com uma imagem da frente do casarão e um carimbo, que serão utilizados pelas agências dos Correios de Marataízes durante 30 dias, nas correspondências postadas na cidade.

Orçada em pouco mais de R\$ 1,1 milhão, a obra foi realizada em parceria do governo do Estado com a Prefeitura de Marataízes.

Desde 2000, o casarão vinha sofrendo com a depredação e a ação do tempo. Em 2005, parte do imó-

vel desmoronou e, desde então, as paredes estavam escoradas.

Agora, após um ano e meio de obras, o palácio abrigará um acervo de quase 30 mil livros da Biblioteca Municipal e outros exemplares que estão sendo adquiridos.

Imponente, o Palácio das Águias era o símbolo da riqueza da região, no início do século 20. No imóvel, eram realizados os principais eventos sociais da época.

Em estilo colonial eclético, o casarão servia de hospedagem de tropeiros e foi reformado por volta de 1887, com acabamento luxuoso. Recebeu o nome por causa das duas águias esculpidas no alto do imóvel.

O professor Guilherme Soares,

que nasceu e cresceu no casarão, contou que o local foi adquirido pela família dele em 1903.

O pai dele, João Machado Soares, conhecido como Jota Soares, era sócio de uma empresa de navegação e decidiu morar no lugar, que foi o principal entreposto comercial do Sul do Estado nas décadas de 30 e 40, por onde era escoado o café produzido na região.

A mulher dele, a artista plástica Suzana Villaça, que trabalhou pelo tombamento do palácio desde a década de 70, comemorou a conquista.

“Era um absurdo colocar a construção no chão ou fazer qualquer coisa que não fosse o resgate da memória”, ressaltou.